

Como naufragar em segurança: O louco e a parábola de um suposto revés

Lancei-me ao mar.

A vida assim como a arte, é composta por metáforas que criam figuras arquetípicas cheias de potencialidades. Uma ferramenta linguística poderosa de criação, transmissão e entendimento da realidade, que nos sugere, através de mitologias e símbolos, modos de pensar e agir. Em uma prática artística, caso naufraguemos, o que nos aguarda senão a falta de estabilidade, a liberdade de perdermos o centro ou uma aventura desassossegada? Quais resultados inesperados surgiriam em uma jornada sem rumo ou um trânsito para lugar nenhum? Estar perdido ou isolado representaria novos caminhos? Talvez um renascimento após o desastre? Uma nova ideia? Naufragar é o erro como solução, a forma que emerge do problema, o contrário da função. Descartes, Descartes, ainda nos encontraremos ocasionalmente por aí.

O anseio do ser humano em navegar por mares inexplorados constantemente cria e remodela nossas realidades, amores e caminhos. A sociedade, enquanto psique humana, é construída a partir dessas incessantes interações e convergências, somos, portanto, constantemente convocados a uma jornada emaranhada e de permanente devir coletivo, uma teia pegajosa de pulsões sublimadas ou não. Eros.

Dessa forma, a viagem se torna uma interpretação utópica, mas também concreta do próprio viajante, uma manufatura. O Bicho-da-seda. A aranha que tece. O caderno de viagens. Uma co-criação entre objeto e sujeito. Entre lugar e transeunte. Todos estamos de passagem. Esse eterno vir a ser, é o processo de desenho como a própria invenção do mundo. Tantas linhas. Passado, presente e futuro formam uma estrutura ininterrupta, um *continuum* com uma certa grossura que conecta todas as coisas no espaço-tempo. Um todo que se cria lentamente a partir de uma convergência de pequenas partes. Um futuro que está embrulhado no que está acontecendo agora.

Por outro lado, o porto seguro e o farol são o contrário do naufragado em alto mar. São sua contra-imagem. No alto mar nada de conforto ou esperança, nossa identidade praticamente desaparece, não há espaço de manobras, somos apenas circunscritos por um infinito de incertezas. O lugar inóspito te desidentifica, é o avesso do planejamento, da direção e do destino, é a crítica à vida cotidiana de Henri Lefebvre. O naufrago é o repúdio situacionista às premissas racionalistas modernas, é a atuação completa, a total experimentação. É o funcionalismo cartesiano versus o instinto criativo, a espontaneidade dos atravessamentos contra a rigidez das fronteiras, é experiência pura, vivência plena, o naufrago então é a linha limite entre a urbanidade e a natureza. Dizem que se pode morrer de sede tanto no mar quanto no deserto.

Em terra firme o tempo fatiado, processado e comercializado em linhas de produção, tempo é dinheiro. Mas para além desse enclausuramento de um tempo racionalizado, a verdade é que a vida é feita por uma temporalidade não linear, simultânea, uma história rizomática sem centro, formada por sucessões de

instantes que se sobrepõe em uma elaboração fractal e anti hierárquica da realidade. Onde o pequeno gera o todo.

Para além da linha do horizonte, o alto mar se torna um espaço sem fraturas, uma paisagem quase imutável, homogeneizada, o naufrago deixa rastros discretos. Território neutro. Cria-se assim, uma trilha basicamente invisível entre a vida e a morte. É a situação como forma, a recusa radical de se ater as coordenadas. Isso pode ser um pesadelo para a sociedade do *GPS* baseada em marcas, rastros e histórias e que se ocupa e se preocupa enormemente com a própria memória.

O que sobrevive ao naufrago, quando nesta situação, seria a atividade cartográfica do seu inconsciente e a luta entre escapar vivo ou se entregar totalmente a resignação desse constante e misterioso balanço flutuante. Se deixando levar. A documentação mental de uma jornada, ou de uma investigação artística, é criada por uma processualidade que habita um presente expandido, onde o corpo do navegante, do artista-pesquisador, fica disponível para ser afetado pelo terreno de sua jornada, trajeto como método de investigação e intervenção na realidade.

Ao naufragado isolado, portanto, restaria a arte de vagar. De se lançar ao mar, de ultrapassar sem nem mesmo querer a fronteira da segurança. Ou de esperar, sozinho, em uma ilha fortuita de meditação. O eremita. A diferença entre o lugar, a trilha, o ponto e a linha.

Essa desorientação sobrevivencialista tanto em um bote salva-vidas, como em uma ilha deserta, é a antítese da civilização. Há um retorno ao estado de natureza, o viajante ou o artista, fundem-se ao mar ou a obra. Desejo, impulso, amor e criação. Uma relação ativa entre determinismo cósmico e liberdade humana. Arte é vida e vice-versa.

Entre essa desilusão da invisibilidade e a expectativa de ser encontrado, surge um diálogo entre esperança e perdição. Portanto, o que sobra além da deriva do devir, é uma linha de fuga em direção a um encontro consigo mesmo, um lugar de expressão total, onde a derrota e a coragem formam a síntese do naufrágio, transformando muitas vezes o arruinado em herói.